

Notas sobre o preconceito*

Notes on Prejudice

Isaiah Berlin

Tradução: Mário Nogueira de Oliveira **
UFOP

Poucas coisas causaram maior dano que a crença por parte de indivíduos ou grupos (ou tribos, Estados, nações, igrejas) de que são os únicos possuidores da verdade. Especialmente a verdade sobre como viver, o que ser e o que fazer – e que aqueles que diferem dos que se consideram possuidores de tal verdade não estão meramente enganados, mas são perversos ou loucos, e precisam de repreensão ou desaparecimento. É uma terrível e perigosa arrogância acreditar que somente você está correto: acreditar que você possui um olho mágico que vê a verdade e que os outros não podem estar corretos se discordarem de você.

Isso faz um indivíduo ter a certeza de que existe um único objetivo para a sua nação, sua igreja ou para toda a humanidade e que qualquer quantidade de sofrimento vale a pena

* **N.T.:** Este texto foi escrito por Isaiah Berlin em 1981 em forma de anotações rápidas destinadas a um amigo que iria debater sobre o tema e pediu ajuda a Berlin. Por constituírem anotações rápidas, o texto não apresenta o rigor da escrita encontrado nos demais textos do autor. Este texto é mantido pelo responsável pela administração da obra de Berlin, Henry Hardy. Pesquisas sobre textos de Berlin podem ser feitas em <http://berlin.wolf.ox.ac.uk/lists/nachlass/index.html> e <http://www.bodley.ox.ac.uk/dept/scwmss/wmss/online/modern/berlin/berlin.html>.

** **N.T.:** O tradutor gostaria de agradecer a Livia Reis por sua leitura da tradução e revisão da Língua Portuguesa. Na tradução optou-se por usar a pontuação tal como costumamos fazer no Português praticado no Brasil, evitando a repetição do uso do sinal de pontuação dois-pontos (colon) existente no texto em inglês.

(particularmente por parte das outras pessoas) se o único objetivo somente é alcançado “através de um oceano de sangue para o Reino do Amor” (ou algo parecido), como disse Robespierre.¹ Hitler, Lenin, Stalin, e eu ousaria dizer que os líderes nas guerras religiosas de cristãos contra muçulmanos ou católicos contra protestantes, sinceramente acreditaram nisso: a crença de que existe uma, e somente uma, resposta verdadeira para as perguntas centrais que afligem e afligiram a humanidade e que somente um indivíduo possui essa verdade – ou o seu líder a possui – foi responsável por oceanos de sangue. Mas nenhum “Reino do Amor” emergiu deles, nem poderia: existem muitos modos de viver, de acreditar e de se comportar. O mero conhecimento fornecido pela História, a Antropologia, a Literatura, as Artes e o Direito deixa claro que as diferenças de culturas e de indivíduos são tão profundas como são as semelhanças (o que torna os mais diferentes homens, igualmente humanos), e que nós não somos os mais pobres nessa rica variedade: esse conhecimento abre as janelas da mente e da alma e torna as pessoas mais sábias, mais gentis e mais civilizadas. A ausência desse conhecimento gera o preconceito irracional, os ódios, a exterminação odiosa de hereges e daqueles que são diferentes: se as duas grandes guerras e os genocídios de Hitler não nos ensinou isso, nós somos incuráveis.

O mais valioso elemento na tradição britânica, ou um dos mais valiosos, é precisamente a liberdade relativa à política, às raças, ao fanatismo religioso e à monomania². Ficar em paz com as pessoas que você não simpatiza ou que não entende é indispensável para qualquer sociedade decente. Nada é mais destrutivo do que um feliz sentimento da sua própria infalibilidade – ou da infalibilidade da sua própria nação - que lhe permite destruir outros com a consciência tranquila, uma vez que você está fazendo o trabalho de Deus (por exemplo, atos da Inquisição Espanhola ou dos Aiatolás) ou o trabalho da raça superior (por exemplo, Hitler) ou o trabalho da História (por exemplo, Lenin-Stalin).

A única cura é entender como outras sociedades vivem no espaço e no tempo e entender que é possível viver vidas diferentes da sua própria vida, e ainda assim, ser completamente humano, digno de amor, de respeito ou pelo menos de curiosidade. Jesus, Sócrates, João Huss da Boêmia³, o grande químico Lavoisier, os socialistas e os liberais (assim como os

1 - N.T.: Cf. 'Rapport sur les principes de morale politique qui doivent guider la Convention nationale dans l'administration intérieure de la République, fait au nom du Comité de salut public, le 18 pluviôse, l'an 2e de la République, par Maximilien Robespierre; imprimé par ordre de la Convention nationale (18 pluviôse an II - 5 février 1794' Em *Discours par Maximilien Robespierre* — 17 Avril 1792-27 Juillet 1794. The Project Gutenberg EBook of *Discours par Maximilien Robespierre* - 17 Avril 1792-27 Juillet 1794, by Maximilien Robespierre. Produced by Daniel Fromont. Texte en français moderne établi par Charles Vellay. <http://www.gutenberg.org/files/29887/29887-h/29887-h.htm>

2 - N. T.: Monomania: forma de insanidade em que um único pensamento ou ideia absorve a mente do indivíduo. Cf. *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*.

3 - N.T.: Jan Hus (ou John Huss) costumava denunciar abusos da igreja nos seus sermões. Ele criticava a disciplina e alguns costumes dentro da Igreja. Defendia a ideia de que membros da Igreja deveriam exercer seus poderes apenas no âmbito espiritual e nunca como governantes no mundo secular. Foi excomungado em 1412 por insubordinação. Hus também combatia a

conservadores) na Rússia, os judeus na Alemanha, todos pereceram nas mãos de ideologias “infalíveis”: uma certeza intuitiva não é o substituto para o conhecimento empírico cuidadosamente testado baseado na observação, em experimentos e na livre discussão entre os homens. As primeiras pessoas que os totalitaristas destroem ou silenciam são os homens de ideias ou de mentes livres.

2. Os estereótipos são outra fonte de conflitos evitáveis. As tribos odeiam as tribos vizinhas pelas quais se sentem ameaçadas e, assim, com seus medos, representam-nas como perversas ou inferiores, irracionais ou desprezíveis. Ainda assim, esses estereótipos modificam-se rapidamente em muitas ocasiões.

Tomemos como exemplo o século XIX: por volta de 1840, os franceses eram considerados fanfarrões, galantes, imorais, militaristas, homens com bigodes curvados, perigosos para mulheres e prontos para invadir a Inglaterra como vingança por Waterloo. Os alemães eram tidos como bebedores de cervejas, provincianos, musicais, cheios de metafísicas nebulosas, inofensivos e, de algum modo, tolos. Por volta de 1871, os alemães já são vistos como a cavalaria que atemoriza a França, comandados pelo terrível Bismarck – ou vistos como assustadores militares prussianos cheios de orgulho nacional. Já a França passa a uma pobre terra civilizada e sufocada, necessitando a proteção de todos os homens de bem, para que sua arte e sua literatura não sejam esmagadas pelos calcanhares dos terríveis invasores.

Os russos do século XIX são servos subjugados pelos semirreligiosos eslavos, místicos que escrevem romances profundos e vistos também como uma horda enorme de cossacos leais ao Czar que canta lindamente. Nos nossos tempos, tudo foi dramaticamente modificado: a população foi subjugada, sim, mas há também a tecnologia, os tanques, o materialismo ateu, a cruzada contra o capitalismo, etc.

Os ingleses eram imperialistas cruéis que se impunham sobre os soldados estrangeiros, olhando com seus narizes empinados para o resto do mundo. Depois passam a empobrecidos, liberais, beneficiários do Estado de Bem-estar Social e necessitados de aliados. Todos esses estereótipos são substitutos do conhecimento real que nunca é algo tão simples ou permanente como uma imagem particular generalizada de estrangeiros, os quais são estímulos para a autossatisfação nacional e para desdém de outras nações. Isso é um sustentáculo ao nacionalismo.

ideia da venda de indulgências para arrecadar dinheiro para a igreja. Foi acusado de divulgar doutrinas heréticas e condenado à morte em 1415. Cf. www.justus.anglican.org/resources/bio/7.html

3. O Nacionalismo, que todos no século XIX pensavam que estava decaindo, tornou-se a mais forte e mais perigosa força de hoje. Ele é geralmente uma ferida causada por uma nação no orgulho ou no território de outra. Se Luís XIV (o Rei Sol cujo Estado deu as leis a todos na política, na arte da guerra, nas artes, na filosofia e na ciência) não houvesse atacado, devastado e humilhado os alemães por anos, então, estes talvez não houvessem se tornado tão agressivos no início do século XIX, quando foram fortemente nacionalistas contra Napoleão. De modo similar, se os russos não tivessem sido tratados como uma massa de bárbaros pelo Ocidente no século XIX, ou se os chineses não tivessem sido humilhados pelas guerras do ópio ou pela exploração em geral, eles não teriam caído tão facilmente em uma doutrina que prometia que eles herdariam a terra depois que tivessem, com ajuda de “forças históricas” que ninguém poderia parar, esmagado todos os descrentes capitalistas. Se os indianos não tivessem sido tratados como inferiores, etc., etc.

As conquistas, a escravidão de povos, o imperialismo, etc., não são alimentados apenas pela ganância ou desejo de glória, mas têm de justificar a si mesmos por alguma ideia central, a saber, os franceses como os detentores da única cultura verdadeira; o “fardo” do homem branco; o comunismo; os estereótipos dos outros como inferiores ou perversos. Apenas o conhecimento, cuidadosamente adquirido, e não adquirido por atalhos, pode dissipar tudo isso. Mesmo que não venha a dissipar a agressividade humana em si mesma nem a antipatia pelos diferentes (na pele, na cultura, na religião). Ainda assim, a educação em História, Antropologia e Direito ajuda (especialmente se são comparadas, e não apenas consideradas isoladamente, como geralmente o são).